

MAIS

ALTO



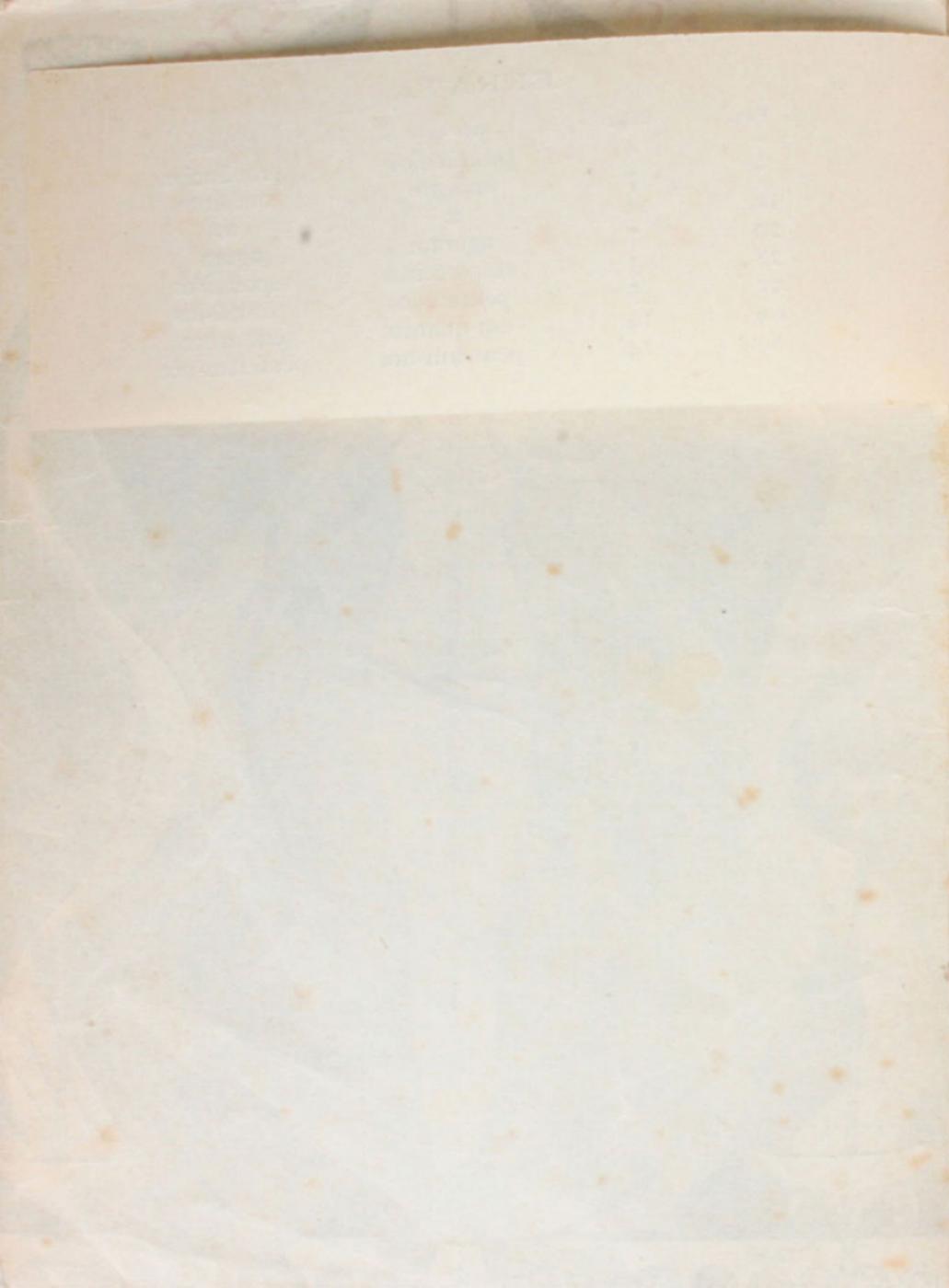
Diage

ERRATA

Pag.	linha	onde se lê:	leia-se:
7	3	pronúncios	prenúncios
7	7	ondeam	ondeiam
12	11	a	as
20	7	agoram	agora
28	3	resposteiros	reposteiros
55	5	pentéia-los	pentéa-los
69	14	em quanto	enquanto
89	14	penteam-nos	pentéiam-nos

Pedro de Sousa

MAIS ALTO



No Senhores Pessoa.

No grande Poeta, e ao
bom amigo, com meus abra-
ços de admiração, etc.

Pedro de Meneses

MAIS ALTO

DO MESMO AUTOR:

RIMAS DA NOITE E DA TRISTEZA — 1913.

DISTANCIA — 1914.

ELOGIO DA PAISAGEM — 1915.

AS TREZE BALADAS DAS MÃOS FRIAS — 1916.

MAIS ALTO — 1917.

A SAIR:

ANFORA, sonetos.

NOSSA SENHORA DA ALMA.

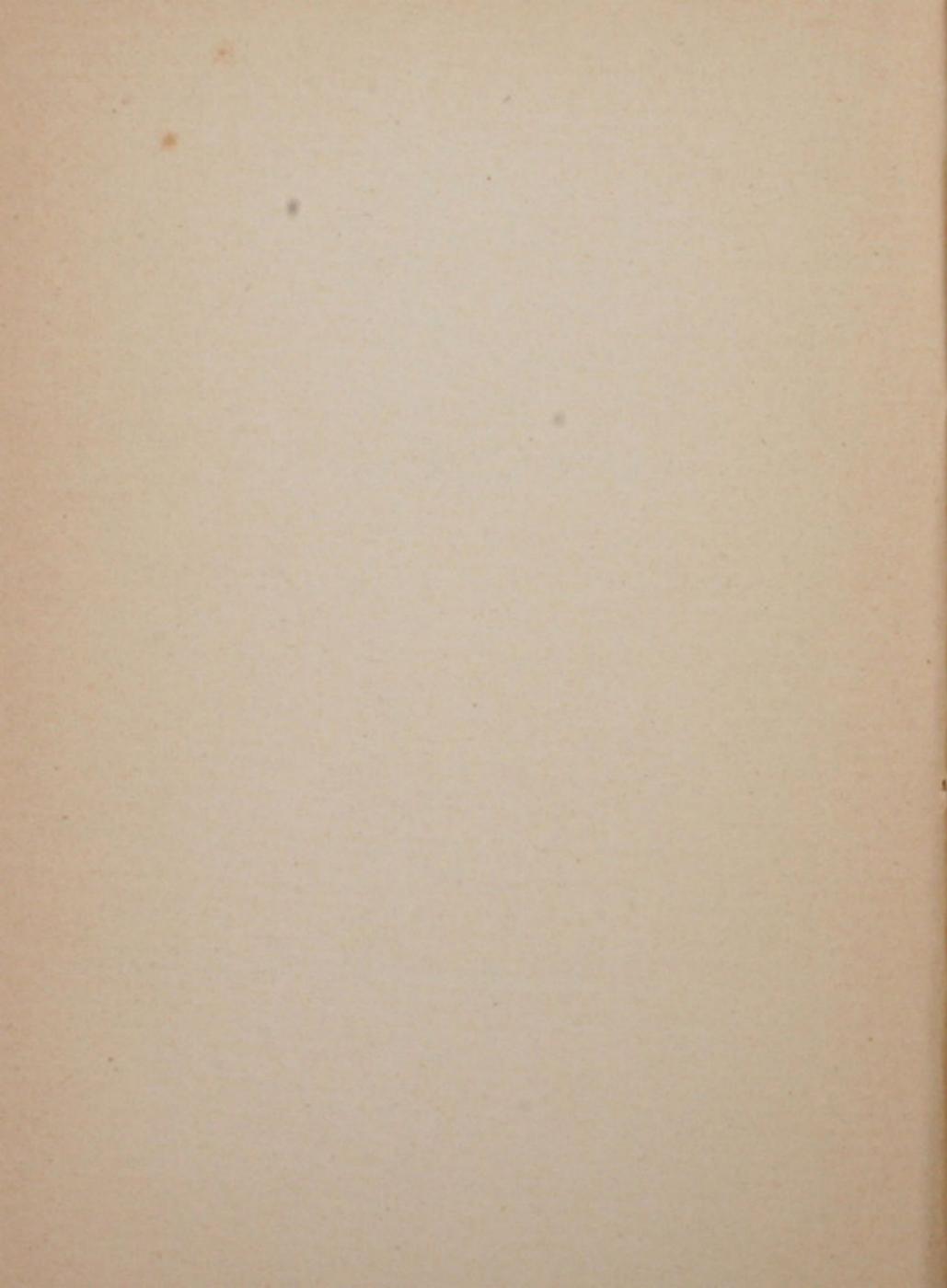
MAIS
ALTO

POEMAS

PEDRO
DE
MENEZES

ALCÁ CER-KIBIR

AO AFONSO RODRIGUES-PEREIRA



I

EL-REI

Pela sombra das salas, ao Sol-posto
Sinto que passa alguêm junto ao luar,
Alguêm onde há pronúncios de desgosto,
El-rei: — ogiva entre o Mistério e o Mar.

No ruído dos passos se adivinha
Um retinir de alfanges. E setins
Ondeam cortinando varandins
Dum palácio que à noite se avizinha.

El-rei passou agora para a Tôrre.
De lá vê-se a Saudade e o Sol que morre
Na praia dum país todo de véus.

El-rei agora é alma doutro rei,
A mais alta das lanças que sonhei. . .
El-rei é luto e a sua Ausência é Deus!

II

NO PALÁCIO DO REI MOIRO

Dormiam os pavões nos arvoredos.
A princesa aflagava-lhes as côres.
Seus longos dedos eram domadores
E as côres prendiam-se-lhe nos dedos.

As mãos poisadas, um veludo apenas.
Se os pavões acordavam nos afagos
Julgavam ao sentir os dedos magos
Que era o luar passando-lhes nas penas.

Ela depois passava na alameda
E o seu andar esquecia-se na seda
Da túnica, mistério rendilhado . . .

Entrava no palácio. As mãos cativas.
E espreitava ao Sol-morto das ogivas
Pois das ogivas via-se o Passado.

III

A PRINCESA FALANDO ÀS BAILADEIRAS

Ó minhas bailadeiras de segredos
Vinde sonhar as minhas mãos inquietas,
As minhas mãos que são as pandeiretas
Com as fitas pendidas, os meus dedos.

Ó minhas bailadeiras, que fazeis?
Onde bailais que nem sequer vos vejo?
Onde vai o meu Pai e aqueles reis
Bordados em veludo e num cortejo?

Porque leva o meu Pai o elmo e a lança?
Porque adormece a Tarde no meu peito
E se torna da côr da minha trança?

Porque batem à porta desta sala
Mãos invisíveis de dolente geito
De Alguém a quem não posso ouvir a fala?

IV

AS BAILADEIRAS FALAM À PRINCESA

Nossos bailados tornam-se pulseiras,
Pulseiras de setim nos vossos braços...
Nossos corpos, tapetes nos terraços,
Baloçam-se no cimo das palmeiras.

Pomos a pandeireta nos joelhos,
Depois no chão. Dançamos ao redor.
Nas curvas que traçamos, um pastor
Perde os rebanhos, nossos gestos velhos.

Se com os pés descalços lhe tocamos,
A pandeireta torna-se num lago
E os nossos pés em cisnes que afagamos.

Se acaso lhe tocamos com as mãos,
Torna-se em Lua como em sonho vago
E os nossos dedos moram gestos vãos.

V

O DIA DE ALCÁCER

Um dia, em Deus, contaram-me a batalha.
Pendões, guitarras, troféus...
As areias erguidas pelo vento.
Adagas de marfim, cotas de malha...
E num momento
Com os meus olhos Deus viu a batalha
E eu por instantes esqueci-me em Deus!

Dentre os pendões, el-rei era o mais alto.
Vi-o. Lá vai. Ainda vejo o escudo...
Vi-o correr e comandar o assalto.
Lanças perdidas.
Alalís... alalís... Mãos de veludo,
Gotas de sangue no luar caídas,
Fumo de lantejoila...
Águia cega voando. Águia real...
Cada gota de sangue, uma papoila
Nascendo em Portugal!

E el-rei lembra-me um lírio sacudido
Numa tarde de vento.
O Sol, caindo, o longe apenas doira.
E el-rei agora é o luar, perdido,
Eco falando em claustros dum convento,
O coração duma princesa moira . . .

No luar escreveram a paisagem.
El-rei agora não o vejo, apenas
Pressinto ter falado nele outrora.
Da minha Antiguidade eu sou um pagem
E a minhas mãos cansadas e morenas
Falam da sombra. O sonho se demora.

O campo lembra-me um jardim imenso,
Jardim onde nasceram rosas de aço.
E ao pôr do Sol sou o Passado, penso,
E no meu ter vivido ainda passo.

A Lua, lembra um reluzir de alfange.
Palmeiras, sons de adufe, ecos caídos,
Guitarras que a Saudade ainda tange
E onde os dedos da Ausência andam perdidos.

O Sol, no longe, antes da morte, eu sei,
Olhou ainda a vêr se via el-rei
Na campina que assim ia deixá-la.

Mesquitas onde Deus mistério espalha,
Tardes de Alcácer, creio que a batalha
Apenas existiu no meu contá-la!

VI

AS ÁRABES QUE BUSCAM O REI MORTO

Que tardes quietas e belas!
Onde estará o rei-Alma
Que vinha nas caravelas?

Não o conseguimos vêr.
Em nossos olhos se acalma
O mistério de o perder.

Bailemos sombra ao luar.
Talvez que em nossos bailados
O possamos encontrar.

Há tanto tempo o buscamos,
Que nossos braços cansados
Sôbre o não vê-lo os deixamos.

Estará morto? Estará vivo?
Que saudade o levaria
A nossos gestos, cativo?

Seria uma nau apenas?
Talvez que uma melodia
Das nossas bocas morenas!

Lá está. Bem vemos. Ao luar...
Afinal são nossos dedos
Na ânsia de procurar.

Vamos por êste caminho.
Levemos nossos segredos
Na voz do nosso carinho.

Ei-lo. É aquele? É? Ninguém...
As mãos da Lua na areia
A procurarem também.

E a sombra dos nossos braços
Diante de nós serpenteia
A acompanhar nossos passos.

A cada lança que achamos
Nas nossas mãos tão esguias,
P'lo infante preguntamos...

E sob o luar exangue,
As lanças quedas e frias
Respondem gotas de sangue.

Senhor Rei que nos deixaste,
Que à sombra da Noite nua
Alma pediste e sonhaste,

Allah escutou-te e deu-ta,
— Cisne vestido de lua
Numa lagôa de Ceuta!

VII

A SAUDADE

A Saudade, luar do coração,
Tarde na Alma, Outono dos sentidos,
Palavra que se torna em oração
Quando humedece lábios doloridos.

A missa em que ajoelho e vou rezar
E me pergunto, porque me não sei.
Gesto de minhas mãos, cruz no luar,
Apenas tu me falas dêsse rei!

Conta-lo ao Sol-pôr com a voz do povo.
Volta em manhã de névoa, é sempre novo.
A lembrança de vê-lo ao Sonho levo-a.

Meu Deus, meu Deus, quando regressarei?
Meu coração talvez que seja o rei
E a minha Alma essa manhã de névoa!

VIII

A CANÇÃO DAS GUITARRAS

O rei tornou-se um quadrante,
Deus, o sol — luz de vitral.
Saudade, a sombra distante
Projectada em Portugal.

Promete o Tempo esperar.
E nesse quadrante, às vezes,
Os olhos dos portugueses,
Buscam as Horas do Mar!

Onde irão as mãos antigas
Que em gestos breves e frios,
Com nossas cordas, os fios,
Bordaram tantas cantigas?

Onde os gestos? Onde os dedos?
Onde as bocas que cantaram?
Inda as canções que entoaram
Se prendem nos arvoredos...

Agora não há quem cante!
A voz da Lua, o luar,
P'ra que o Mêdo não se espante
Também não sabe cantar.

Do Silêncio os dedos belos
Nas nossas cordas, julgando
Que são os nossos cabelos
Assim os andam penteando.

Sonho, já não nos recordas!
Fomos fontes de segredos.
A nossa Água, era os dedos
Escorrendo pelas cordas.

Portugal, lindo barquinho
Que Jesus, quando criança,
Pôz a vogar de mansinho...
Sangue de Deus numa lança...

Foi guitarra o teu Passado
Onde o Mistério tangeu
Numa canção que perdeu,
O corpo do Desejado.

El-rei perdeu-nos. Deixá-lo...
Nossas bocas o chamaram
E ágoram nos transformaram...
Alhambras de Recordá-lo!

IX

O ELOGIO DAS LANÇAS

Alarido. Canção. Galopar de corceis. . .
As lanças mais além perturbam arvoredos,
Reluzem ao luar. . . As lanças lembram dedos
Erguidos para o Céu a procurar aneis. . .

Ao pé de cada lança há sempre um Cristo e a Cruz.
Vôo de águias. Sonhar. Perfis de fiandeiras
Que apontam o Poente e curvam-se palmeiras. . .
Rocas prendendo o Dia e desfiando a luz.

Gritam alto no olhar. Inclinam-se na treva,
São cintos de Ansiedade as mãos de quem as leva.
E longe tornam-se Alma e perto tornam-se Ânsia.

Sobem por elas mãos. Em sombra se conformam.
Os gritos mais ao largo em ecos se transformam :
— Ecos, múmias da Voz no túmulo da Distância!

X

A LEMBRANÇA DO REI

Há piscinas bordando salões velhos
Onde alvas aias vão molhar os dedos
E os deixam esquecidos...
São migalhas de pão os frios dedos
Pois na piscina estão peixes vermelhos,
Gotas de sangue dos heróis vencidos.

Sentem-se passos, poucos...
Lírios tombando na lagôa, loucos...
E adivinham-se ao longe, nos castelos,
No meditar das salas,
Princesas cujos gestos lembram falas
E acalentam a Noite nos cabelos.

Uma desce depois a escadaria
E pela noite fria,
Vem junto aos lagos afagar os cisnes,

E prende nas roseiras
Os longos dedos, do luar seteiras,
E vem dar de comer rosas aos cisnes.

A lembrança do Rei feita princesa.
Luz de Mistério no Passado acesa...

XI

A ARMADURA ABANDONADA

No meu peito outro peito teve abrigo
E outros braços guardei dentro em meus braços,
Outros passos guiaram os meus passos,
Conheci noutros dedos o perigo.

Adagas no meu elmo se partiram,
Lentas brilhando numa raiva louca.
Outras bocas cantigas repetiram,
Cantigas que cantei com outra boca.

Senti no peito que abriguei no meu
A ânsia de ser longe e ergui ao céu
Com outros braços os meus braços frios...

E agora com as mãos do meu lembrar-me
Traço gestos nos quais vou encontrar-me:
Gestos-arcadas calculando rios...

XII

RUÍDO DE PANDEIRETAS

Inda no longe se ouviam
Rítmicas, breves, inquietas,
Asas que o Mêdo prendiam,
Laços que os dedos seguiam,
Pandeiretas, pandeiretas...

E no luar desfiavam
Como leves fiandeiras,
Curvas, fios que bordavam
Nas sombras em que dançavam,
Bailadeiras, bailadeiras...

E lentas, as pandeiretas
Esquecendo roxos tons
Recordam mãos irrequietas,
São açafates de sons,
Luas-Alma desinquietas...

E os dedos das bailadeiras
Que pandeiretas tocaram
Lembram cimos de palmeiras
Que a branca Lua alcançaram
E a afagam leves, ligeiras...

Pandeiretas sacudidas,
Fitas de côres caídas...
Lembram rumorosas portas
Onde as mãos, almas perdidas,
Vão bater às horas mortas.

E no dorso das areias
Bailam beijos, bailam rezas
As bailadeiras sereias...
Suas mãos são fortalezas
E os longos dedos, ameias...

E as pandeiretas cansadas
Vão desenhar-se nos frisos
Das mesquitas afastadas...
Lembram rainhas pintadas
Cujos sentidos são guisos...

E no luar adormecem
Perdidas, frias e quietas,
Sombras que no longe esquecem,
Que mãos brancas endoidecem,
Pandeiretas, pandeiretas...

XIII

O SILÊNCIO DAS MESQUITAS

A Ausência do Rei é Tarde nas mesquitas.
Pelas harpas, a mêdo, as mãos em véus ligeiros,
São aias a fugir p'ra lá dos resposteiros,
E, no claustro dormindo, a Voz das favoritas. . .

E nas harpas, Saudade. Os sons tornam-se aromas.
A ideia de Deus, um parque de palmeiras
Onde à noite Maomet é côr sôbre as roseiras
E as sombras do luar, rituais doutros Maomas.

P'ra cá dos templos, Côr; p'ra lá, Antiguidade,
E o Mistério a rezar vitrais de divindade
Na ideia de viver. Outras paisagens lautas. . .

Entre os templos e Deus, as bocas dos profetas. . .
E no passado desce o som das pandeiretas
Frias, quedas, morrendo entre pendões e flautas. . .

XIV

O MAR INTERROGA AS NAUS

O mar:

Donde vindes, ó naus, ó minhas brancas mãos?
Onde ficou el-rei que era um afago nosso,
Que prendia o Sonhar nos seus dedos cristãos
E levava a Saudade em volta do pescoço?

As naus:

Entre o céu e a Distância e bem longe do mar,
El-rei ficou sózinho, em castelos de opalas,
Em poentes-marfim, em jardins de luar
Onde infantas em Deus lhe vão deixar as falas.

O mar:

A que portos, ó naus, vos ides acolher?
Porque trazeis sem luto ainda as vossas velas?
Ao povo donde sois o que haveis de dizer?

As naus:

Que havemos de dizer? Que a Alma Iha levamos
E que o Corpo do Rei, subitamente, ao vê-las,
Se tornou em luar nas praias que alcançamos.

XV

MANHÃ DE NÉVOA

Amanheço de mim na Antiguidade
E os meus olhos tornados nevoeiro
Enviavam de mêdo e de Saudade.

Porque estará a princesa
De noite e dia bordar
Pálidos de antiga tristesa,
Véus franjados de riqueza,
Cestinhos para o luar? . . .

Quem será o cavaleiro
Que vai na estrada a passar?

No parque acorda a sombra dos repuxos,
Rendas que vão servir de reposteiro
Á luz inquieta de sorrisos bruxos.

Repuxos são rocas de água
Que a princesa anda a sonhar,
Prende neles fios de água,
Gestos doentes de mágoa
Que anda na sombra a fiar . . .

Quem é aquele cavaleiro
Com a sombra a conversar ?

E nas lagôas esqueceu os dedos
A última canção das lentas flautas
Dos pastores que guardam meus segredos.

Predeu os dedos nas flores
A princezinha a pensar,
Poz-se a escutar os pastores
Que canções de incertas côres
Andam na tarde a cantar . . .

Quem é aquele cavaleiro
Num corcel côr do luar ?

Só vejo as lanças. Outras naus partindo.
E inda se ouve na praia a voz dos nautas
Que Índias de Sonho vão contando e ouvindo.

Encostada ao varandim
Pregunta a princesa ao mar
Por países de setim
E regiões de marfim
Que costumava sonhar.

Quem é aquele cavaleiro
Que vai longe a cavalgar ?

O nevoeiro é cada vez mais denso.
Nem se vêem as naus nem mesmo as velas
Que eram tão Altas, quasi em Cruz. E eu penso.

«Minhas aias, minhas aias,
— Poz-se a princesa a gritar —
Vinde vêr que lindas praias
Bordaram nas minhas saias
Ansia do meu navegar!»

Quem é aquele cavaleiro
Que galopa sem cessar?

Entardece. É sol-pôsto. As mãos erguidas,
Lembram também esguias caravelas
Demandando paragens esquecidas.

Eis que morreu a princesa
Cansadinha de chorar...
Pálidos de antiga tristeza,
Véus franjados de riqueza
Serviram p'ra a amortalhar...

Quem seria o cavaleiro
Que passou p'ra não voltar?

Afastaram os últimos troféus...
Tenho medo da Tarde. É que eu bem sei
Que quando Deus tenta falar do Rei
Diante de mim, a Tarde é a voz de Deus.

XVI

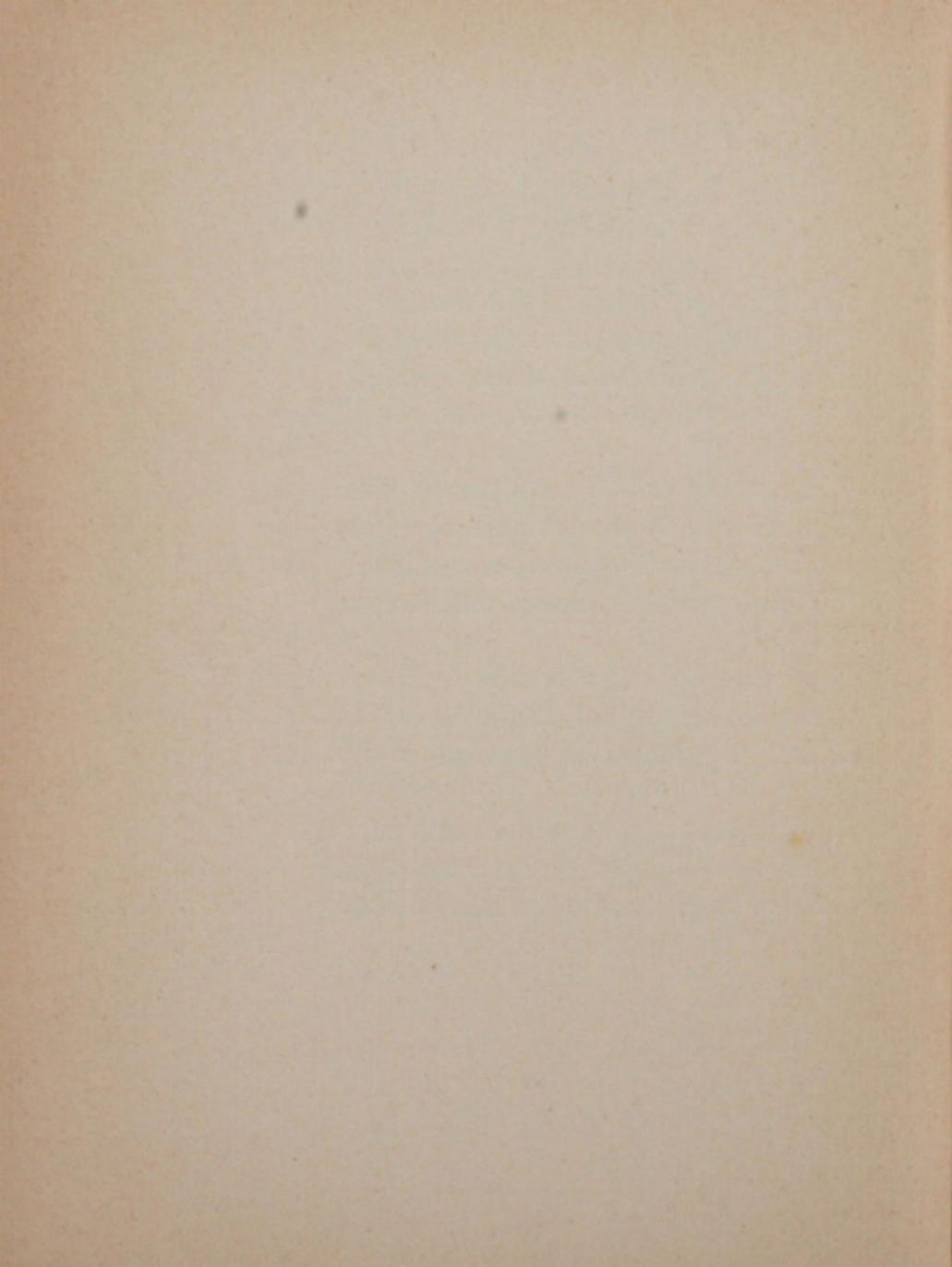
O TÚMULO VAZIO

Recordar o Passado é asa morta
De inquieta ave que inda vôa além,
É como quem ouviu bater à porta,
Abre-a e repara que não está ninguém.

Todo o Passado é um bater de aldrava.
E o rei que só viveu numa medalha
Evolou-se ao Sol-pôsto na batalha
Como o perfume duma rosa brava.

Sol numa ogiva. O túmulo vazio.
Entra um braço da Luz que assenta a mão
Sôbre o sepulcro abandonado e frio.

E enquanto ao meu redor Alma esvoaça,
Sinto que Alguêm me toca o coração
Com a lança imortal da minha Raça!



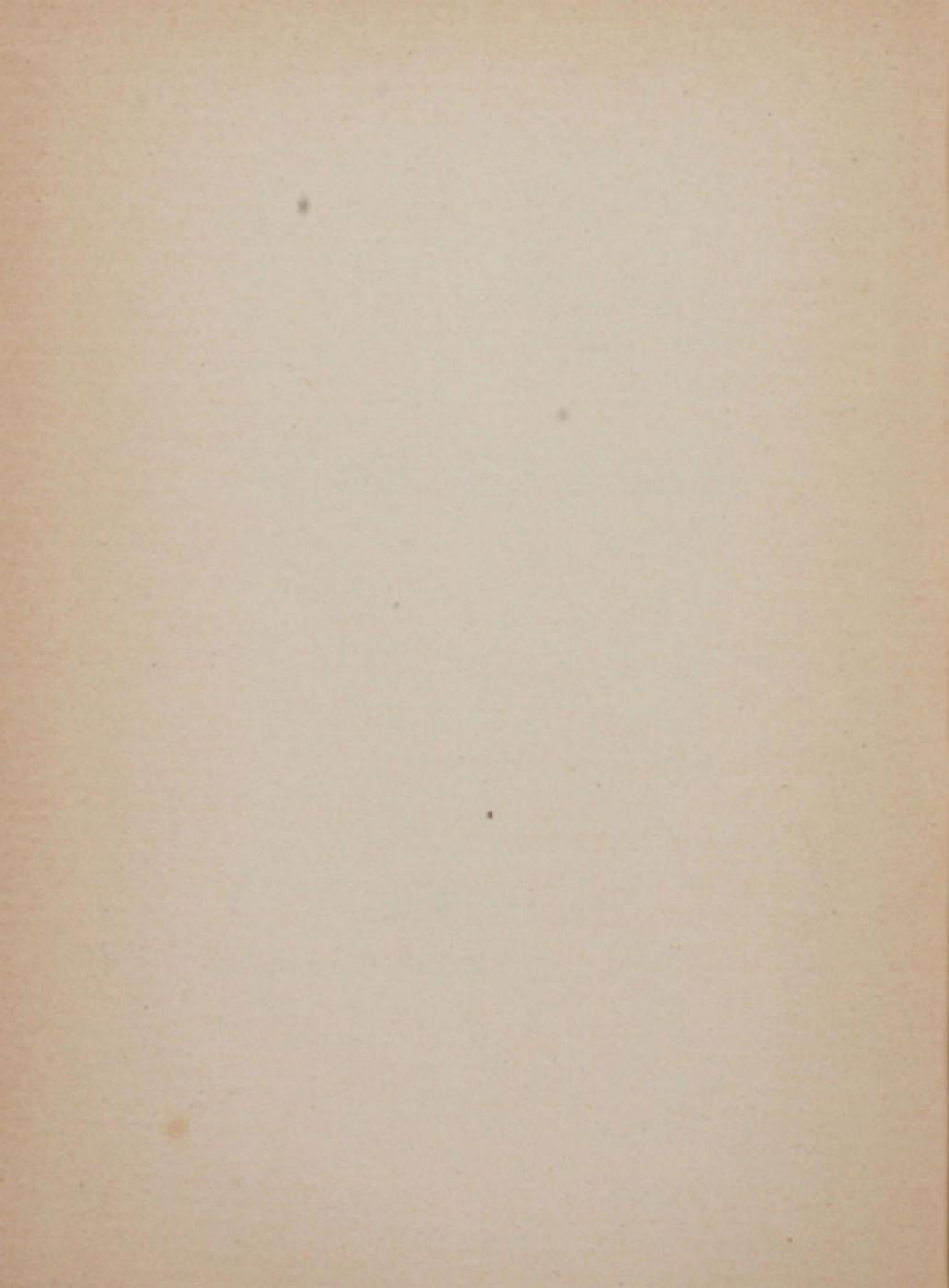
ELEGIA DO SILÊNCIO

A

ANTONIO ALVES MARTINS

E

JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO



Guisos sôbre tôrres idas,
Oiro sôbre o meu esquecer-me,
As minhas mãos no teu vêr-me
Princesas nunca esquecidas.

Silêncio, cinza do Tédio,
Tapetes na minha Ansia,
Arcas velhas, sem remédio,
Onde escondi a Distância.

Ecos da Sombra a rezar,
Pedacos do meu Chorar
Bordados de Alma nos frisos.

Guisos nos teus olhos ponho.
E eu sinto todo o meu Sonho
Estar sempre dentro dos guisos.

Silêncio, cimos de palma,
Minha presença em teus olhos.
Ando ao colo dos teus olhos
P'ra me esquecer de minha Alma.

Sinto passar o perfume
Pelos salões das corolas.
Rosas, lareiras sem lume,
Rainhas com altas golas.

Ando p'la mão do Silêncio
No palácio da Saudade
P'ra não ver a Antiguidade.

E eu sinto ser o Silêncio
Ruído de fechar portas
Onde não existem portas.

O fim das minhas canções,
Saudade do meu Sonhar,
Poeira de Oiro a dançar
Sôbre as caudas dos pavões.

Rajá dum país distante
Que a meus olhos me trouxeram,
Resas de Inês vacilante
Quando rainha a fizeram.

Uma voz que se perdeu,
A Côr que Jesus bebeu
Na ocasião do Calvário.

Uma boca em oração,
Gesto de passar a mão
Pelas contas dum rosário.

Cális poisado na sombra
Cercado de sacrilégios,
Pinhal que um luar ensombra,
Aroma de sortilégios.

Perfil ungido de mêdo,
Pierrot sempre de luto,
Outôno ao pé do meu mêdo,
Lago morto, sempre enxuto.

Anel que perdeu no parque,
No lago do fim do parque
Uma princesa cansada.

Veludo de Alma vencido.
Sceptro dum rei, esquecido
Numa sala abandonada.

Chave dum sacrário velho
Que ninguém jamais abriu,
A moldura dum espelho
Onde outrora o mar se viu.

É uma brasa apagada
Na lareira da Distância.
Escada morta. Uma escada
Por onde desce a minha Ansia.

Uma velhinha que passa,
Um grito dentro de mim,
Um desmaiar de marfim...

Talvez o erguer da taça
Do rei de Tule, p'ra a lançar
Pela noite fora ao mar.

A mão que escreveu outrora
No festim de Baltasar,
Namorado da pastora
Que guardou o meu Sonhar.

É o choro da Saudade
No seu castelo de opalas,
Um lustre antigo nas salas
Onde desmaia a Ansiedade.

Egipto que não sonhei,
Um dos missais que deixei
De noite, nas mãos dum monge.

Véus que apar'ceram rasgados,
Ibis voando, cansados,
Sôbre o meu sonhá-los longe.

O regaço da princesa
Que bordou os meus sentidos.
É pintura de riqueza
Em mosteiros esquecidos.

Tôrre de formas estranhas.
O punhal que assassinou
Os ecos sôbre as montanhas.
A cinza que me crismou.

Uma das mãos da Distância,
O chorar da minha Ansia
Em jardins desconhecidos.

Um entreabrir de janelas.
Hálito que apaga as velas
Nos salões adormecidos.

Roca com que a Lua fia
O seu fato de noivado,
Sino tangendo cansado
Sôbre a minha nostalgia.

Dobadoira do Luar,
Emir vestido de seda,
A curva duma alameda
No jardim do meu Scismar.

Os beijos que me consagram,
A capela onde se sagram
Os confins dos horizontes.

Cofre que já foi roubado.
É um mendigo curvado
Sempre a passar sob as pontes.

É uma fonte que corre
Nos sentidos da Paisagem,
A silhueta da Tôrre
Onde mataram um pagem.

Alfange erguido no Ar,
Água de noite num poço.
Golpe dado no pescoço
De João. Sombra a bailar.

Anfora que alguêm quebrou
E assim quebrada a deixou
No varandim do Poente.

A Cruz que inda tem pregado
O Longe crucificado...
Perfume de Oiro doente.

Pastor que há muito perdeu
O seu rebanho de ovelhas,
Trovador que adormeceu
Nas suas canções já velhas.

Nau vencida de fragrância
Na lagôa dum convento,
Flauta que tange a Distância
Com as mãos do esquecimento.

Palmeira cercada de Alma,
Chuva caindo com calma
Sôbre o meu nunca te vêr.

Lábios da Dôr entre a aragem,
Fato que veste a Paisagem
Quando quer adormecer.

Lenços no Longe a acenar
P'ra alguêm que nunca partiu,
Lança com que se feriu
O meu não te recordar.

Martelo com que pregaram
Cristo na Cruz. Soledade.
O cinto com que cercaram
A Dôr da minha saudade.

Cisne que o luar benzeu.
É a aldeia onde nasceu
A Côr das minhas canções.

O relógio da Paisagem,
A porta que dá passagem
P'ra as minhas recordações.



IBIS

A
MARTINHO NOBRE DE MELO



TRILOGIA DAS PRINCESAS

NITOKRIS

Uma das aias queima incenso e esquece.
Ela tenta prender nas mãos o aroma
Que se confunde no luar e toma
As horas no regaço e as adormece.

Quando olha para o mar, um bergantim
Se dirige p'ra o cais. Se os olhos cerra,
O bergantim vai-se a afastar da Terra
Sómente volta se voar setim.

Passa nas alamedas rumorosa.
Em cada passo ouve-se um guiso lento
Que o silêncio dos lírios acordou.

E Ela própria é perfume duma rosa
Que uma noite ficou por esquecimento
Numa sala onde mais ninguém passou.

TERMUTIS

Se acaso estende os braços, julga os dedos
Cinco túmulos quietos e esquecidos
Em suas mãos, planícies de segredos.
Que faraós estarão neles retidos?

De quem serão as cinco múmias quedas?
E que bocas teriam lido rezas
Nos funerais de suas mãos princesas,
Dessas mãos que os afagos lembram sedas?

Passa-lhe na Alma o Nilo, e os sentidos
São cinco ilhas onde há véus caídos
E onde a paisagem fia numa roca.

Sente Moisés nos modos. Sombra exala.
Se acaso fala em Deus, súbito cala.
É que as mãos do luar tapam-lhe a boca!

CLEÓPATRA

Sentava o seu Passado nos joelhos.
Tentava-o acordar. E os seus cabelos
Vinham prender-lhe os dedos. P'ra contê-los
Espalhava-os a mêdo nos espelhos.

Às vezes ao penteia-los desprendia-os
E anoitecia-os entre joias caras.
Apertava-os nas mãos, por fim prendia-os
Em vez de fitas com serpentes raras.

Mordia lírios p'ra aromar a Alma.
No seu olhar, um inclinar de palma
Que a sombra de seus olhos encobria.

Os seus dedos, rebanhos sem pastores.
Então suas palavras eram côres
E arcos-íris os ecos que perdia.

II

TRILOGIA DOS REIS

KÉOPS

As suas sensações, vincados riscos,
Grades p'ra além das quais lhe fica a Alma.
Se por elas espreita em sonho e calma,
Ergue nos seus sentidos obeliscos.

Os seus olhos são breves, quási quedos.
Neles esquece a côr para a deter,
E os gestos que inda tem para fazer
Já se lhe adivinham nos seus dedos.

Seus passos continuam quando pára.
Põe-se a escutá-los. Súbito repara
Que prende a Sombra no cruzar dos braços.

Muito p'ra lá de Deus seus passos vão,
Pois Deus, de olhar p'ra traz tem precisão
Para vêr onde param êsses passos!

KEFREN

Em que outra vida teve el-rei a vida?
Porque sombras passou e em que jardim
Foi girassol de côr adormecida
Cujas pétalas, sentidos de setim?

Que mistérios ungiu nas brancas mãos
Que se as ergue evocando a sua Ansia
Sente prender-se n'elas a distância
E esquecer o Passado em gestos vãos?

Que se pensa na infância é um boneco
A que deu corda e afasta em abandono
E quando grita, a voz não forma eco?

Quem é Êle cujos olhos dois leões?
Um rei de seda que erigiu o trono
No ruído dum vôo de faisões.

MYKERINOS

Sombra que adoeceu de vêr os cisnes
Pois sente, às tardes, alamedas na Alma
Onde vêm baloiçar-se mãos de palma.
Quando fala nos lagos nascem cisnes.

Há dentro dêle a múmia doutro rei,
Um outro Nilo, uma outra Antiguidade,
Uma Menfis de bruma, outra cidade
Onde fui sacerdote, onde habitei.

Quando fala é o outro rei que fala,
Quando anda não sente os passos, pensa,
E em seu perfil moldam-se véus de opala.

Quando ergue as mãos, sente o luar cercado
E a sua Alma é uma Águia imensa
Com as asas caídas no Passado!

III

TRILOGIA DAS DIVINDADES

OSIRIS

Sôbre as águas do Mar, a Tarde morta.
Vôa dentro da Sombra incerta ave.
Silêncio. Em minha frente há uma porta,
Aquele porta a que não sei da chave.

Encosto o ouvido à porta. Oiço lá dentro
Alguêm que passa desprendendo véus.
Dentro do meu Mistério me concentro.
Subo ao cimo de Mim e encontro Deus.

Ao vêr-me, Deus, tenta-se de mais Alto.
Experimenta voar e em sobressalto
Vôa e seu vôo prende-se em meus dedos.

Desço-me. Vejo que não sou o mesmo.
Alma, sentidos, côr, vejo-os a esmo
Espalhados na sala dos meus medos!

ISIS

Anforas quebradas nos seus gestos,
Gestos parados, mausoléus abertos.
Olhos quietos, cansados e desertos...
De sombra e de luar apenas restos.

Amamenta o Mistério nos seus seios.
Vejo-lho ao colo mas as mãos pendidas.
Segura-o com a voz dos seus receios
E adormenta-o nas vestes diluídas.

No meu imaginá-la encontro um lago.
Debruço-me e no fundo, a minha infância.
Mergulho o braço p'ra agarrá-la emfim.

E sinto que a consigo num afago,
Que a prendo com as mãos da minha Ansia,
Mas cada vez se afasta mais de mim.

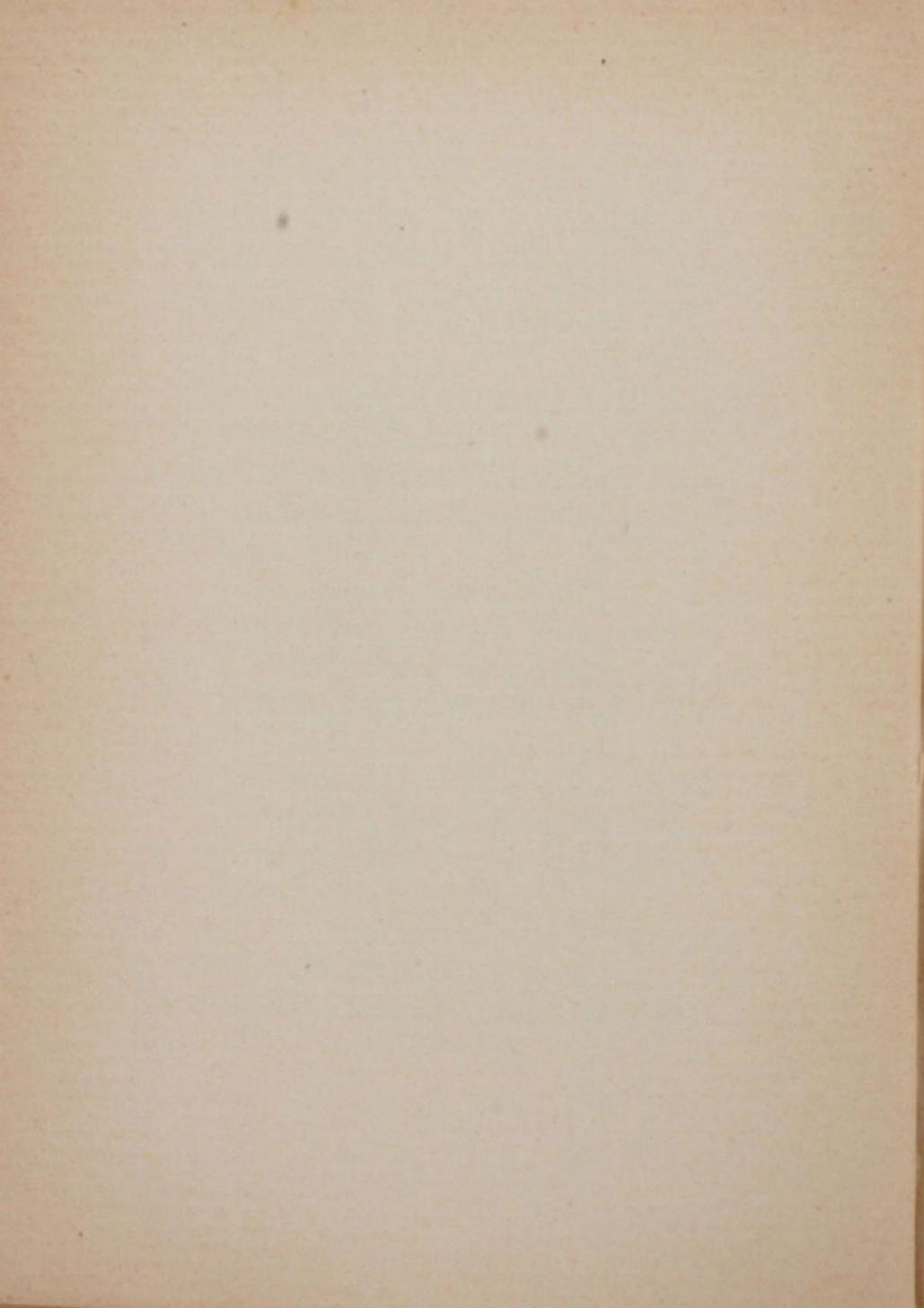
HORUS

Muito p'ra lá de Deus há um país
Onde o luar é duma outra côr.
Adivinham-se as rosas, não dão flôr
E as árvores estão poisadas, sem raiz.

Ei-lo, passa ao Sol-pôsto na alameda
Evoca e fica quedo erguendo os braços.
Prende nos dedos longos dedos lasso,
Os dedos do Mais Longe em que se enreda.

Salas nos modos. O Passado extenso.
Na Alma há um jardim quási suspenso
Onde não desce Sombra. Ansia absorta.

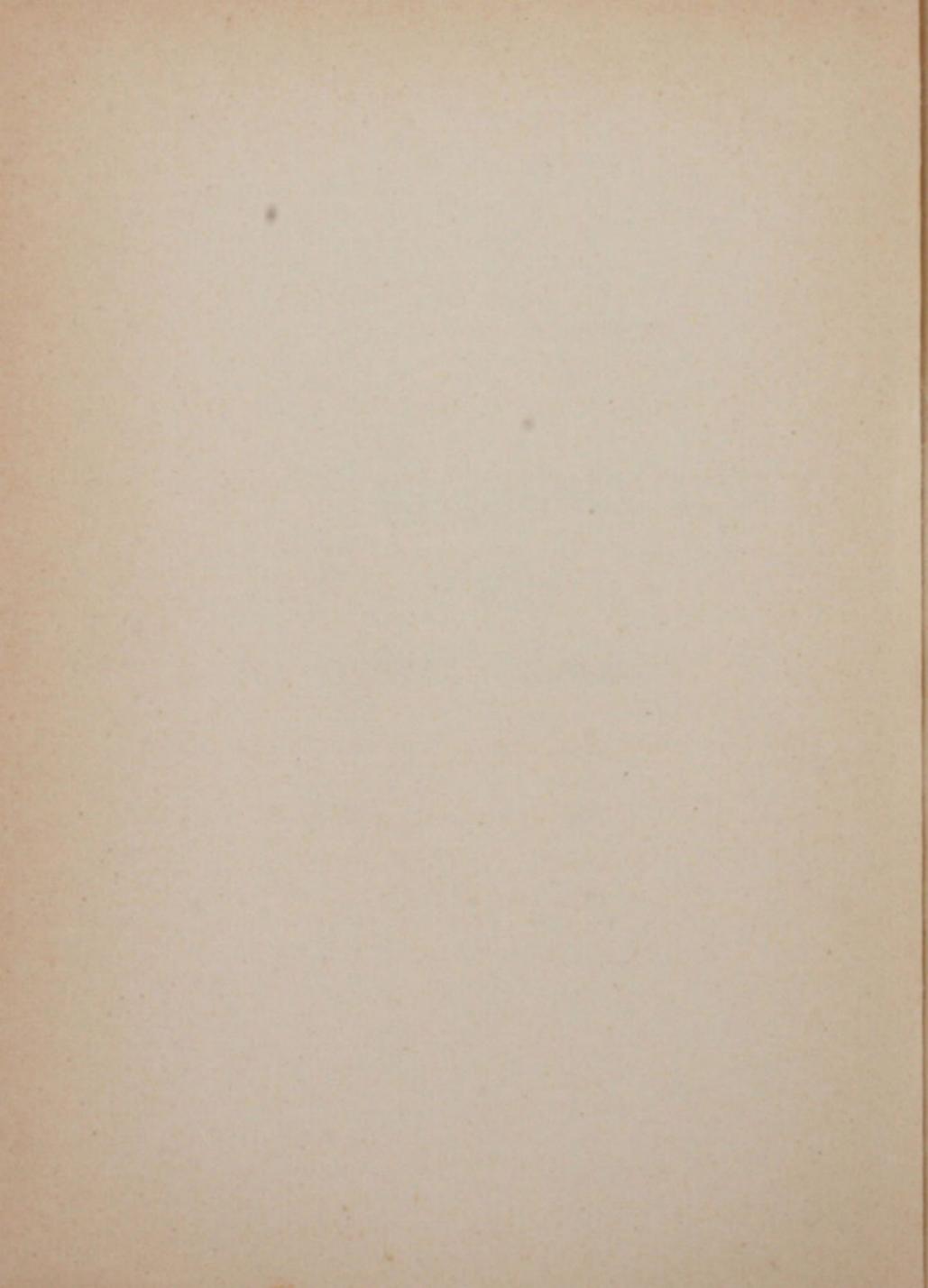
Portas nas atitudes que adormece.
Uma das portas não abriu. Esquece.
Meu Deus, o que estará p'ra além da porta?



SETE ORAÇÕES

DUMA

BOCA DEFUNTA



I

Meus sentidos são naus em idas praías.
Nelas, à tarde, vem então passear
Uma infanta doente de luar,
Acompanhada de esquecidas aias.

Mergulhou sem querer as mãos nas águas,
E encontrou por acaso a taça esguia
Que o rei de Tule, outra manhã sombria,
Lançou ao mar para o vencer de mágoas.

Ei-la que vai passando pelas salas.
Seus dedos prendem gestos mais morenos,
Gnomos brincando com as suas falas.

Desce de novo, ó minha infanta, ao parque
E dize às fontes que conversem menos
Para que Deus não saiba onde é o parque.

II

Seu sonho é de veludo. E um reposteiro
Torna a sombra das mãos quási sombria.
Lembra, ao vê-la, tão alta e tão esguia,
Uma lança nas mãos dum cavaleiro.

Se olha p'ra as mãos arqueia-as numa ponte,
Ponte por sob a qual só cabe Deus.
E a sua Ausência vai de noite à fonte
Para dar de beber aos olhos meus.

Se dança, as suas danças são eternas
E os seus olhos parecem-me cisternas
Onde no fundo a água me retrata...

Com a Lua, um arquinho de setim,
Em pequena brincava num jardim
Onde as árvores e a Côr eram de prata.

III

Seus dedos sabem já de cor os meus.
Quando sonho os seus lábios inda hesito.
Tão branca que p'ra vê-la necessito
De que entre mim e ela esteja Deus.

Em sua Alma passa antiguidade.
Lírios do Oriente no meu Sonho espalha.
E a Lua faz lembrar uma medalha
Ao pescoço da Noite e da Saudade.

Os meus olhos aos seus segredos devem.
E mais alta do que Ela, a sua Ânsia
Tenta abrir a medalha. Sonho etéreo.

E a Noite receando que lha levem
Vai guardá-la no estôjo da Distância
Pois tem dentro o retrato do Mistério !

IV

Minha voz há-de ser voz noutras bocas,
Meus dedos hão-de os ser em outras mãos,
E as minhas preces, princezinhas loucas,
Aos pés de crucifixos pagãos.

Os seus braços, estradas de carinhos.
Nos pulsos traz serpentes por pulseiras,
E as mãos com febre lembram-me lareiras
Onde aquece os seus dedos já velhinhos.

Em seus lábios molhados de segredos
Esqueço a minha boca em beijos lassos
E sinto a Noite vir prender-me os dedos.

Escuto. Oiço outros passos nos meus passos.
Ela e as garças entre os arvoredos
Confundem os pescoços com os braços.

V

Os meus olhos que espreitam p'los vitrais
Inda sonham no mar águas passadas
E veem naus que passam p'ra as cruzadas,
Naus que se afastam e não voltam mais.

Ó minha Infanta, eterna companheira
Das minhas mãos erguidas e afiladas,
Porque passavas sempre entre as veladas
E havias de ser sempre a derradeira?

Volta e não tragas véu. Quando partiste
Tão velada passaste que não viste
A Côr beijar de mêdo o teu cabelo.

Parecias com o véu que te velava
Que o contorno de ti é que passava
Em quanto Tu ficavas no castelo.

VI

Ergue as mãos no luar p'ra fazer sombras
Na parede da minha antiguidade,
Silhuetas de cisnes sôbre alfombras,
Cisnes em lagos secos de saudade.

Quando passes no parque não consintas
Que a Manhã pinte as rosas de presença.
Que apenas haja rosas, mas sem tintas,
Nas hastes mortas, pela noite extensa. . .

Infanta nos meus olhos sempre ausente
E cuja Ausência em mim vive doente,
Não manches de presença as alamedas.

Que as Horas no jardim, quando tu passas
E a minha Sombra no teu Sonho abraças
Param e ficam escutando sedas.

VII

Se ela estende os seus braços alongados
E as mãos demora em cima do arvoredo,
As fôlhas dormem mantos de noivados
Julgando que o luar nasceu mais cedo...

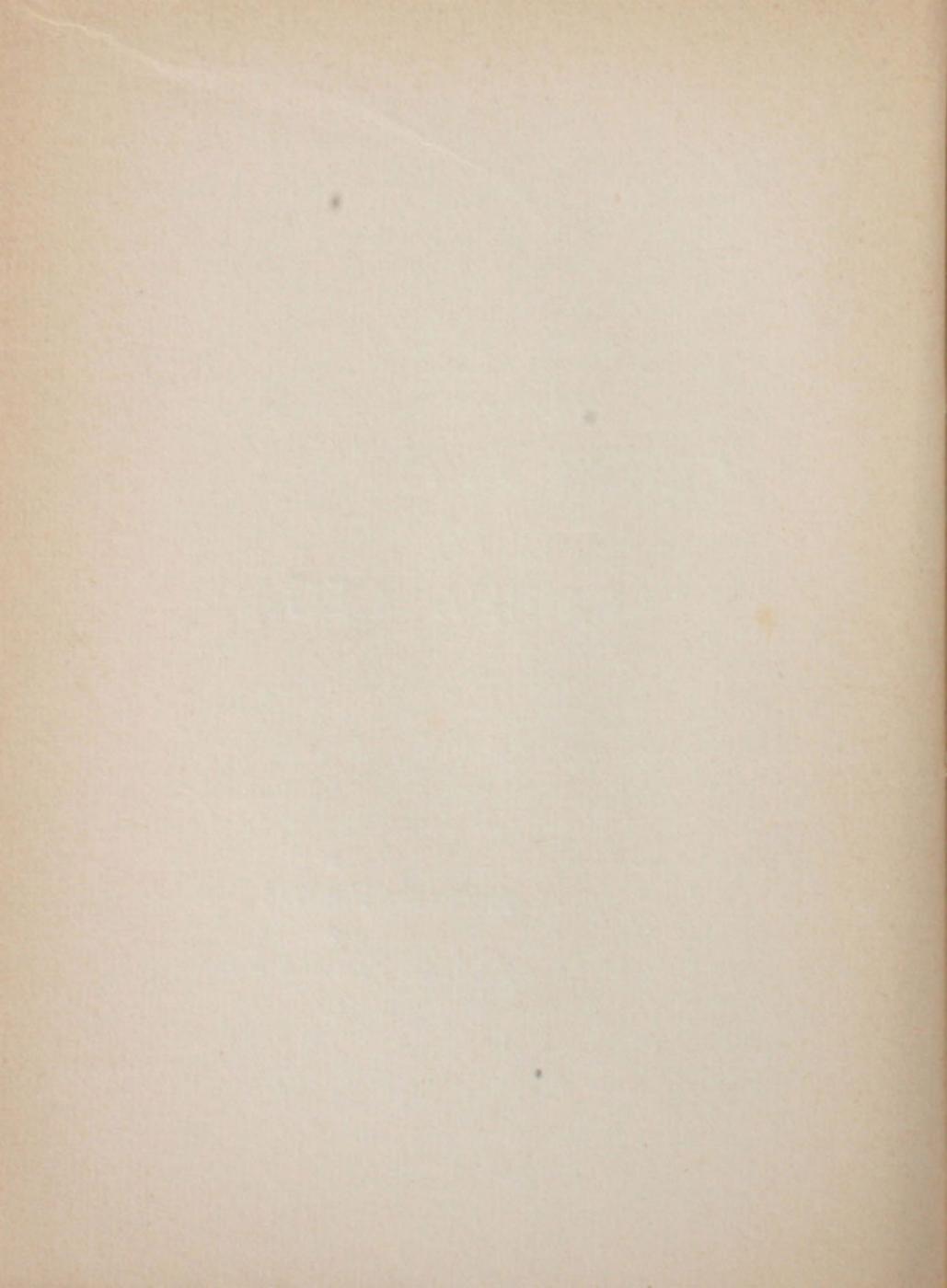
E caravelas de papel doirado
Eu lhe ponho nas mãos como um brinquedo,
E o seu perfil um novo Gama ousado
Parte nelas em busca do Segrêdo.

Senhora que roubou os meus sentidos
E os deixou quási mortos e perdidos
Junto dum lago todo cisnes pretos...

Encontrei minha sombra destronada
Habitando uma tôrre abandonada
No país dos seus olhos sempre inquietos.

AS
CINCO AIAS
DA
RAINHA CEGA

A
ALFREDO FREITAS BRANCO
E
ÁLVARO PEREIRA MAIA



INTRÓITO

A FALA DA RAINHA:

Sou a que para o céu as mãos levanta,
A que sente o luar no fim dos dedos.
E fui boneca outrora entre os brinquedos
Com que brincou uma Senhora Infanta.

Eu ceguei de julgar-me num vitral.
Por extrema-unção a Tarde me levaram.
Minhas pálpebras buracos dum pombal
Donde os olhos, as pombas, emigraram.

Antes de Mim vivi outra existência
E fui Ausente em minha própria Ausência,
Agora volto a Mim nos passos meus.

Contorno-me de Mêdo ante a Distância,
Perco-me de Saudade em minha infância
E em vez de coração, eu sinto Deus!

A QUE VESTIU A NOITE

Vesti a Noite. Oiço-a passar por mim
E às vezes em meu íntimo a pressinto.
Vejo a Lua, a fivela de marfim
Com que lhe afivelei o branco cinto.

Que encerro em minhas mãos de Alma ou segredos
P'ra que, apertando nelas qualquer flôr,
Ao abri-las, eu tenha sempre a dôr
De vêr que se evolou por entre os dedos
E só ficou dentro das mãos a Côr?

Meus lábios ao rezar, sinto-os pagãos.
Já não posso vestir com mãos divinas
Esta rainha pálida e doente,
Pois onde quer que eu ponha as minhas mãos
Anoiteço o setim das saias finas
E deixo manchas de Mistério e Ausente!

II

A QUE ESQUECEU O PASSADO

Abro a janela,
A janela que deita para o mar.
Ao longe o Sol é uma caravela
Com as velas caídas, o luar...

A caravela no meu Sonho iludo.
Rezo de noite. Há luto em minhas rezas.
Quando olho minhas mãos, sinto-as Venezas
Onde os dedos são doges de veludo.

São gôndolas meus gestos; gondoleiros
Meus olhos onde a Luz fala em tropeiros
Que cantaram canções em que me ouvi.

Não me sei no Passado. Oiro lendário.
Só sei que a Cruz fêz sombra no Calvário
Na mesma Hora em que eu aconteci!

III

A QUE VIU DEUS

Me levaram outrora em sonho alado
À presença de Deus.

E de mim para Deus havia pontes,
Pontes sôbre um rio no Passado.

Era um jardim o meu olhar p'ra Deus
Onde os meus olhos tinham mais demoras.

O Tempo não tinha Horas.

A presença de Deus calava as fontes.

Os meus lábios pagãos rezavam guisos

Ao pescoço de velhas divindades

Desenhadas de antigo sôbre frisos.

Se levantava as minhas mãos a Deus

Os meus dedos eram grades

A separar-me de Deus.

Enlaçaram em mim ramos de palma.

Agora no meu sonho me prefiro.

Se me procuro, deliro.

Se choro, chove-me a Alma!

IV

A QUE FALAVA COM OS LÍRIOS:

Que frio de julgar-me ao pé dos lírios!
Regresso-me. Sou Ansia. E posso vêr
Que sendo a mesma, entre longinquos círios
Dentro em outra me formo p'ra outra ser.

Ponho as mãos na Saudade. Queimo os dedos.
Quem me apaga o meu Sonho que inda arde?
E quem anda escondida entre arvoredos
Fazendo a minha sombra sôbre a Tarde?

Quando falo nos lírios, eu pressinto
Que a minha Voz já foi falada outrora,
Que uma outra boca ma falou. E sinto

Que os lírios ouvem com a côr e esquecem,
E que ao falar com êles se demora
Minha Alma nos meus lábios que adormecem.

V

A ENFEITIÇADA

Se me pergunto, ao responder hesito,
Pois sinto que minha Alma anda em viagem
Num país que Deus leu num manuscrito.

Se entro nas salas e olho p'ra os espelhos,
Adivinho-me além, noutra paisagem
Onde o luar me reza de joelhos.

Se olho p'ra a minha Sombra, um carapuço
Na minha antiga sombra. E sei que existo
Quando em lagos inquietos me debruço.

Se acaso bato à porta de outras salas,
São baloiços meus gestos a que assisto
E onde vão baloiçar-se as minhas falas.

Se estendo os braços num momento breve
E inclino as mãos p'ra debruçar os dedos,
Lembram telhados gotejando neve.

Se os reposteiros abro e perto dêles
Eu deixo como coisas meus segredos,
Ficam de minhas mãos vestígios nêles.

Quem poria mistério em meus vestidos,
Sombra na minha sombra e que bruxedos
Me teriam bordado nos sentidos ?

AS
EXÉQUIAS DA PRINCESA

AO AUGUSTO DE SANTA-RITA

A PRINCESA A SI PRÓPRIA
ANTES DA MORTE:

Sonhei-me que era a filha dum rei godo
Numa sala de Outono em minha calma,
Contando contos para a minha Alma
Não se deixar adormecer de todo.

Tudo o que vi repete-se em meus olhos
E vejo-me ser Outra no passado.
Eu julgo que se encostam aos meus olhos
As imagens que passam a meu lado.

Infanta do que fui, vivo desgosto
E sinto minhas lágrimas de seda
Serem mãos com que Alguém me afaga o rosto.

— Palácios em Toledos de setim —
Os passos que perdi pela alameda
Põem-se às vezes a chamar por mim.

II

A PRINCESA A SEUS LÁBIOS DURANTE A MORTE:

Sinto os guisos da Morte. E eu bem sei
Que o morrer é partir p'ra outras paisagens.
Os guisos... São prisões que outrora um rei
Mandou fazer para prender os pagens.

Estreitas frestas por janelas teem
Que em trevas e saudade a luz convertem.
E as esferas que dentro em si conteem,
Os pagens a gritar p'ra que os libertem.

Sinto os guisos da Morte... A mala-posta
Que vai levar-me à tôrre que eu diviso
E onde quem chama não obtem resposta.

E eu própria sou um guiso agonisando.
Minha boca é a fresta dêsse guiso
Onde um pagem vermelho anda chorando.

III

A PRINCESA AO MISTÉRIO APÓS A MORTE:

Renasci no Egipto outra princesa.
Outros palácios, outros arvoredos,
Outras côres no Sonho e na Tristeza.
Do dantes Eu apenas ser em mim.
Meus dedos, a lembrança de outros dedos,
As minhas mãos, Nítokris de marfim.

Doem-me as minhas mãos se olho para elas.
Os meus olhos não podem conhecê-las
Porque são outros. Minhas mãos são pétalas,
Pétalas de camélias mais inquietas,
Leques de que ficaram as varetas,
Malmequeres aos quais roubaram pétalas.

As minhas mãos não têm calôr nem frio.
As rosas são as rocas com que fiam
De rosa para rosa a côr que é um fio.

Se nelas ponho as mãos a Côr conhecem.
Se ponho as mãos nas brancas mais esfriam,
E se as ponho nas rubras mais aquecem.

Meu Corpo é um Egipto de Saudade.
A minha Alma Menfis. Meus sentidos
Pirâmides na minha antiguidade.
Meus seios são lagôas sempre cheias.
Múmias de reis meus olhos doloridos
E Nilos de desejos minhas veias.

Deixai dormir a minha sombra inquieta,
Que se olho para o céu vejo-o chorar
E a Lua me parece, às horas frias,
A sombra duma branca pandeireta
Que o Silêncio atirou, brincando, ao ar
No regresso de velhas romarias.

IV

O LAMENTO DAS HARPAS

Somos as árvores de jardins de gnomos
E nossos frutos sonho e encantamento.
E por nós sobem mãos num gesto lento
Par'cendo que nos vão roubar os pomos.

Somos Alguém que adormeceu de frio
E que aqueceu depois pelo Sol-pôsto,
Que mãos frias poisando-lhe no rosto
Lhe causaram um súbito arripio.

Somos gaiolas, onde as mãos, as aves
A chilrear e em gestos mais suaves
Tentam fugir por entre as grades de oiro.

Infantas degoladas p'r um alfange.
Somos infantas de cabelo loiro...
Penteam-nos as mãos de quem nos tange.

V

AS PALAVRAS DE DEUS

Sou Deus. Sei do Mistério e sei de Mim.
As minhas sensações não sei contê-las.
Sou velho professor. Ensino estrêlas
No Dia, minha escola de marfim.

A Noite é dessa escola o quadro preto.
Para passar o Tempo e o que fiz
Com a Lua servindo-me de giz
Eu me ponho a riscar o quadro preto.

A côr das minhas mãos é a Distância.
Em mim nunca existiu o meu passado.
Sou de Mim cathedral e próprio monge.

Às vezes tento vêr a minha infância.
Não conheci meus pais. Fui engeitado.
Encontrou-me o Mistério à beira-longe.

VI

A BALADA DAS BRUXAS

A princesa não está morta.
Escondemos-lhe os sentidos
Em salões adormecidos
A que fechamos a porta.

A princesa não morreu,
Está apenas enfeitiçada.
Feitiços de Alma cansada
Pelos sonhos que sofreu.

E num gesto antigo e vago
Sua Ausência bate à porta
Dos salões adormecidos.

Mas nós lançamos no lago
A chave daquela porta
Onde estão os seus sentidos.

E ela agora anda no parque.
Anda no parque a chorar
A vê se pode secar
O lago triste do parque.

Mas nossas rezas absortas
De bruxedos vão cercá-la
E as águas tornam-se mortas
E não podem escutá-la.

Olha em redor com receio
De que a possam sentir.
Seu perfil, barcos sem mastros.

Guarda os passos em seu seio
P'ra que se alguém a seguir
Não possa encontrar-lhe os rastros.

E o jardim, penumbra inquieta
Em nossas mãos pesarosa...
E a Côr, uma borboleta
A voar de rosa em rosa.

Nossos dedos alongados
Indicam velhos poentes
E nossos gestos cansados
Saltos de corças doentes.

Os sonhos de nós desertam.
Nossa voz lembra um boneco
Que nas mãos segura pratos.

E os nossos lábios apertam
O peito dêsse boneco
P'ra poder bater os pratos.

Há lume no nosso olhar.
São búzios as nossas bocas
Que em longinquas praias loucas
Satan se poz a escutar.

E ela chama p'los sentidos
Muito de alto, muito forte.
Ergue as mãos. Ecos perdidos
Encontram-se em sua Morte.

Sua presença é de loiça.
Seus olhos quási esquecidos
Lembram roseiras sem rosas.

Escuta. E p'ra que não oiça
Pomos-lhe sôbre os ouvidos
Nossas bocas rumorosas.

A princesa não morreu
Vive na côr do seu Corpo.
É o contorno do Corpo
Que em seu caixão se meteu.

E nós mesmas não podemos
Desenfeitiçá-la já,
Porque no lago perdemos
A chave donde ela está.

E ela põe-se a olhar o lago
E o seu olhar dorme um cisne
No seu sonho longe e vago.

As águas meditam céus
E a chave tornou-se um cisne
No nosso esquecermos Deus.

VII

O MÊDO

Das exéquias, lentamente,
Vem um ruído de incenso.
São os passos do que penso
Nos salões do ser Ausente.

No jardim, a tôrre é espanto.
O Silêncio abriu a porta
Onde está a princesa morta
E o Mêdo escondeu-se a um canto.

Ao seu Sonho, o meu se junta.
Sonhos, contornos de opala
Que se afastam do seu Corpo.

E a princezinha defunta
Ficou sòzinha na sala...
Só ela vela o seu Corpo.

Eis que a sombra da princesa
Se dirige p'ra o jardim.
Lembra-me uma vela acesa
Que levam mãos de setim.

E ao passar ante os espelhos
Lembra-se dos idos dedos.
Vê que o contorno dos dedos
Passou p'ra além dos espelhos.

Desde o lago, põe-se a olhar
A esguia tôrre e as janelas
Abertas de par em par.

E o seu lembrar-se de andar
Outrora a fechar janelas
Agora as anda a fechar.

Outro ser Eu recordei
Na Saudade em que me enredo.
Vi o Silêncio. Era um rei.
E o bobo dêle era o Mêdo.

E o bobo, sôbre os joelhos,
Escondia-se dos pagens
Para matar as imagens
Que mancham de Alma os espelhos.

E entre o sonhar do arvoredado,
Quando eu passava no parque
Encontrava sempre o Mêdo.

Era um chapim que ficara
Nas alamedas do parque
P'r onde a princesa passara.

VIII

A FALA DA AMA DA PRINCESA:

Suas mãos... Choro por elas...
Meu chorar assim tão forte
É um abrir de janelas...
Janelas p'ra a sua Morte.

Sua sombra não me esquece
— Uma arcada sôbre um rio.
Está tão fria, que parece
Nossa Senhora do Frio.

Meus seios são dois outeiros.
Têm pelo meio um caminho
E no cimo um pinheirinho.

À sombra dêsses pinheiros
Seus lábios, em horas idas,
Jogavam às escondidas.

Sôbre o seu perfil me inclino.
Seus olhos, duas pedrinhas.
O seu nariz, um menino
A brincar com as pedrinhas.

O seu Corpo, um bergantim.
Quando punha as mãos nas rosas
Sentia a Côr ser setim
Passando entre as mãos e as rosas.

Um dia me perguntou,
Lembro-me bem, se os seus dedos
Seriam filhos dos meus...

E a brincar com os meus dedos
Do meu regaço tombou
Para o regaço de Deus!

IX

O CORTEJO

Lá vem a Senhora Infanta
Doentinha de chorar
Pela princezinha santa.
Tanta gente, tanta, tanta,
Que nem se pode contar.

Mais longe lanças erguidas.
Pendões de Outono e Saudade.
As aias de mãos erguidas,
E as suas sombras compridas
São Noite numa cidade.

De meus olhos se avizinha
O cortejo. Véus pagãos.
E a Morte da princezinha,
Um pagem duma rainha
Que lhe anda a beijar as mãos.

E os lírios adoeceram.
Ninguém mais os foi regar.
De desgosto se perderam.
São pierrots que se esqueceram
Junto dum lago a chorar.

À sala dos cisnes idos
Onde estavam os sentidos
Dessa princezinha morta
Há tanto tempo metidos,
Alguém foi abrir a porta.

Começam-na a procurar.
Cada um vai procurar
A Sala onde o Sonho morre
E andam por ela a chamar
Nos corredores da tôrre.

O cortejo é fumo vago.
Meu recordá-la um batel.
E a lembrança da princesa
Debruçada sôbre o lago,
Brinca nas águas do lago
Com barquinhos de papel.

OUTONAL

A
DIOGO DE MACEDO
E
SILVA TAVARES

I

DISTANTE SONHO

Recordo aquela noiva de vitral
Que numa esguia roca de cristal
Fiava os meus sentidos,
Que vinha manhã cedo junto ao lago
Banhar o níveo corpo etéreo e vago
No lago dos leões adormecidos.

Passaram tantos anos, tantos, tantos,
Que os leões acordaram, são encantos.
As mãos com que fiava desmaiaram,
E as palmeiras que dormem na alameda,
Braços erguidos, desdobrando seda,
Contam ainda a história que escutaram.

Passaram tantos anos, tantos, tantos,
Que o lago recordando outros encantos
Dorme vencido de quebranto e calma.

E a roca que fiou os meus sentidos
Sente inda em si os dedos entretidos
De Alguêm que só viveu para ser Alma.

O repuxo, contando a melodia
Daquela estranha e branca escadaria
Que ela scismava pela manhã cedo,
Calou-se, adormeceu. Fechada a porta.
Cansadas aias, fôlhas do arvoredor,
Andam em busca dessa noiva morta.

E encontraram a túnica rasgada,
Aquela linda túnica bordada
Que ela tecera para se casar.
O luar p'ra descer, desce por mim.
E ela descia para vêr se assim
Encontrava o mistério de sonhar.

A porta do palácio está fechada.
Adormeceu também, abandonada.
A dobadoira de âmbar está em bocados.

Tateio. Scismo. Uma saudade morta.
Meu Deus, não sei se está fechada a porta
Ou se os meus olhos é que estão fechados.

II

ORAÇÃO DO REI DE TULE

Meu coração é um país distante,
Um principado de ânsias e receios
Onde os lagos estão sempre abandonados.
Minha Alma, uma pastora vacilante,
Meus olhos regadores sempre cheios
Com que ela anda a regar os meus cuidados.

E assim passa tão triste e meditando
P'la campina dos sonhos esquecidos,
Que o meu sonhá-la vai prender-lhe as saias.
Nos jardins do Chorar anda passeando.
De pagens vão servir-lhe os meus sentidos
E as minhas mágoas vão servir-lhe de aias.

O meu perfil é um passar de monges
E as minhas sensações são as toalhas
Que às minhas dores dou p'ra que se vistam.

As minhas mãos, praias de mim, bem longes,
E os dedos são os mastros que se avistam
Das naus que se encostaram às muralhas.

Meus passos falam inda do ruído
Daquela hora em que meu Ser perdido
Deixou cair a minha taça ao mar.
O meu ter existido, apenas rendas...
Sou rei. Eu sou o rei das minhas lendas,
Rei dum país onde só há luar!

III

OUTONO

Hora-Abandono. Um desbotar de seda.
Hora em que a Paisagem, de cansaço
Se encosta no luar que lhe dá o braço
E as árvores choram fôlhas na alameda.

Nódoa de mêdo. É um passar a mão
Pelas franjas dum quieto reposteiro
Numa sala fechada. Cavaleiro
Que de falar na Cruz é mais pagão.

É como se a um menino se entregasse
A Paisagem doente p'ra brincar
E a desfolhá-la toda começasse.

Mão nervosa que aperte e que não cesse,
Boca que se entreabrisse p'ra falar
E que um gesto de Deus a emmudecesse.

O INFANTE

AO ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES

SAGRES

Bandeira a tremular nas regiões do Mêdo,
Jardim, que em longe parque iam contando aias,
Sala, na qual o Mar guardava de segrêdo,
Como pedaços de oiro, ilhas, pendões e praias.

Sala que o Mar guardava. E numa hora-opala
O Mar adormeceu. E o Infante, mão de Deus
Que tateava o Longe, entre perdidos véus
Eis que o modo encontrou de abrir a velha sala.

Entrou. Olhou em volta e viu-se ante os espelhos.
Os espelhos—Distância, aos quais princesas, ilhas
Se penteavam de Côr sôbre mistérios velhos.

Ao largo ia uma nau vencida de troféus...
E sua Alma partiu buscando maravilhas:
— Terras dum outro mar, mares dum outro Deus.

II

O SONHO DO INFANTE

Uma oração triunfante
Alguêm, ao largo, rezou
E entanto o Senhor Infante
Sentindo a Alma distante
Adormeceu e sonhou :

„Há uma ilha além mim
Que ma contou uma fada,
Onde as árvores são marfim,
As fôlhas são de setim
E os mares de água doirada.

Sonho nos lagos se enreda
Onde os cisnes são de tule.
O dia é todo de seda,
A tarde é uma alameda
E a noite, uma ave azul.

Tem altas tôrres, mosteiros
Onde os monges são de cera
E as orações reposteiros.
Praias distantes, guerreiros
Que o Passado conhecera.

Não tem longe nem tem perto.
Cada fonte, uma saudade.
Meu sonho, um portão aberto
Que dá p'ra uma cidade
Onde está tudo deserto.

Minha ânsia é uma torre.
Junto dela um rio corre
Banhando planícies fátuas.
Meu peito, a escada da torre
Onde os sentidos são estátuas.

Há uma ilha além mim
Que ma contou uma fada.
Nela há um velho jardim.
Portugal, rosa fechada
Crescendo nesse jardim.

Puz-lhe a mão e então abriu-se
Para não mais se fechar.
Empoeirou-a o luar.
Na Alma de Deus sentiu-se
E não mais pôde sonhar.

E muito tempo morou
No meu olhar que a guardou
Qual se fôra uma redoma.
E ao aspirar-lhe o aroma
P'ra dentro de mim passou.

Há uma ilha além mim
Que ma contou uma fada.
Trazei barcos de marfim
Com as velas de setim.
Quero que seja encontrada.”

III

A MORTE DO INFANTE

O Infante acercou-se dos vitrais.
É que os dedos de Deus nêles bateram
Para o chamar e lhe fazer sinais
De que era a hora que p'ra ir escolheram.

E foi-se. Ficou só o Corpo esguio,
Parado, como sala abandonada
Que se sabia só p'lo tom do frio,
Mas cuja porta estava inda fechada.

E no seu recordar-se ergueu-se um mar.
Os seus sentidos foram naus emfim,
Naus muito longas, sem ninguêm, ao luar.

Entanto eram seis naus. Uma bordada,
Quieta, maior, mais breve de marfim...
A sua Morte, a grande Nau parada!

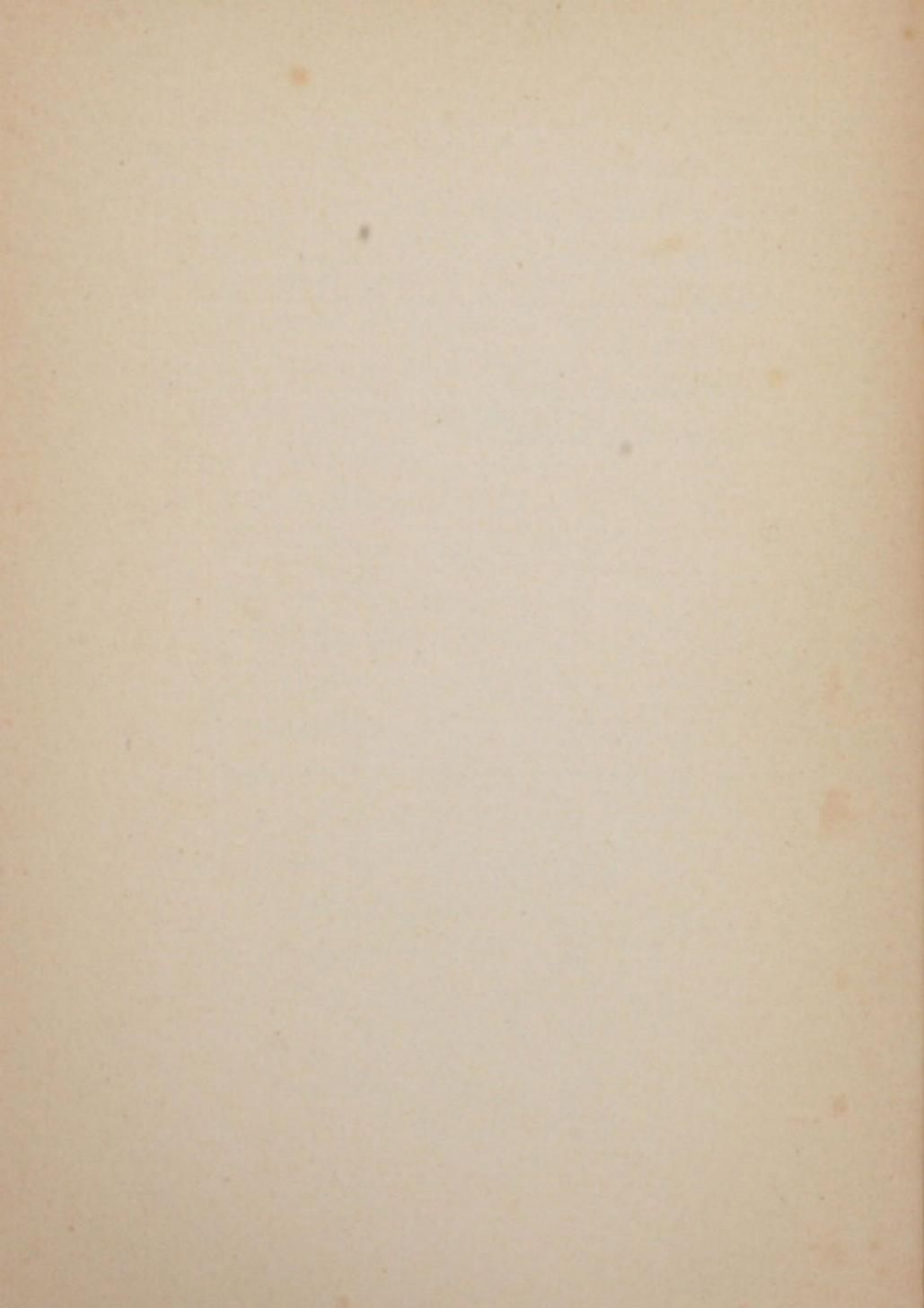
ÍNDICE

ÍNDICE

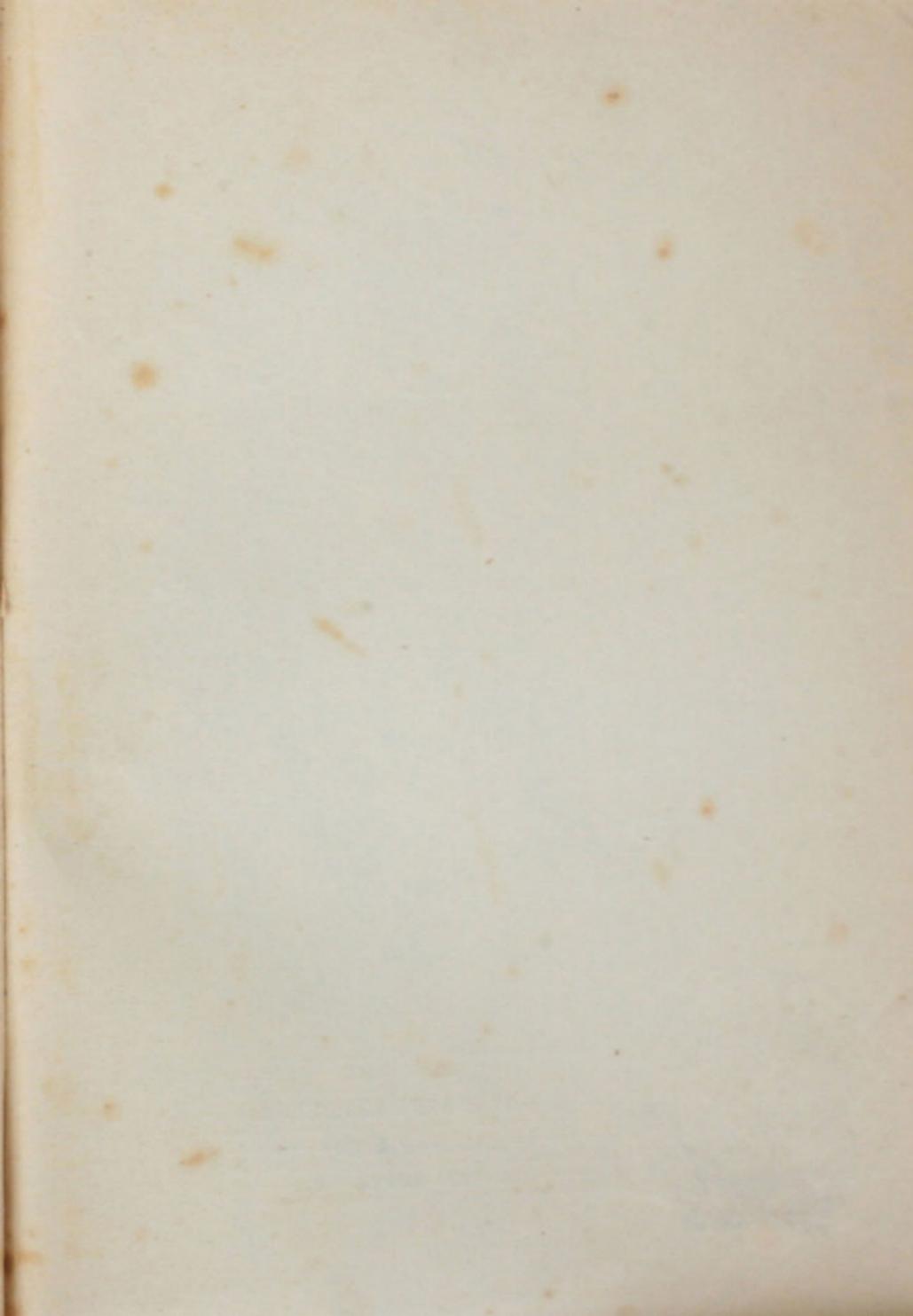
Alcácer-Kibir	5
I—El-rei	7
II—No palácio do rei moiro	8
III—A princesa falando às bailadeiras	9
IV—As bailadeiras falam à princesa	10
V—O dia de Alcácer	11
VI—As árabes que buscam o rei morto	14
VII—A saudade	17
VIII—A canção das guitarras	18
IX—O elogio das lanças	21
X—A lembrança do rei	22
XI—A armadura abandonada	24
XII—Ruído de pandeiretas	25
XIII—O silêncio das mesquitas	28
XIV—O mar interroga as naus	29
XV—Manhã de névoa	31
XVI—O túmulo vazio	35

Elegia do silêncio	37
Ibis	51
I—Trilogia das princesas	53
II—Trilogia dos reis	56
III—Trilogia das Divindades.....	59
Sete orações de uma boca defunta	63
As cinco aias da rainha cega	73
Intróito—A fala da rainha	75
I—A que vestiu a noite.....	76
II—A que esqueceu o passado	77
III—A que viu Deus.....	78
IV—A que falava com os lírios	80
V—A enfeitada	81
As exéquias da princesa	83
I—A princesa a si própria antes da morte	85
II—A princesa a seus lábios durante a morte	86
III—A princesa ao mistério após a morte.....	87
IV—O lamento das harpas	89
V—As palavras de Deus.....	90
VI—A balada das bruxas.....	91
VII—O Mêdo.....	96
VIII—A fala da ama da princesa.....	99
IX—O cortejo	101

Outonal	105
I—Distante sonho.....	107
II—Oração do rei de Tule.....	110
III—Outono.....	112
O Infante	113
I—Sagres.....	115
II—O sonho do Infante.....	116
III—A morte do Infante.....	120









LISBOA — 1917

LIVRARIA BRAZILEIRA

Monteiro & C.^a

190 — RUA AUREA — 192